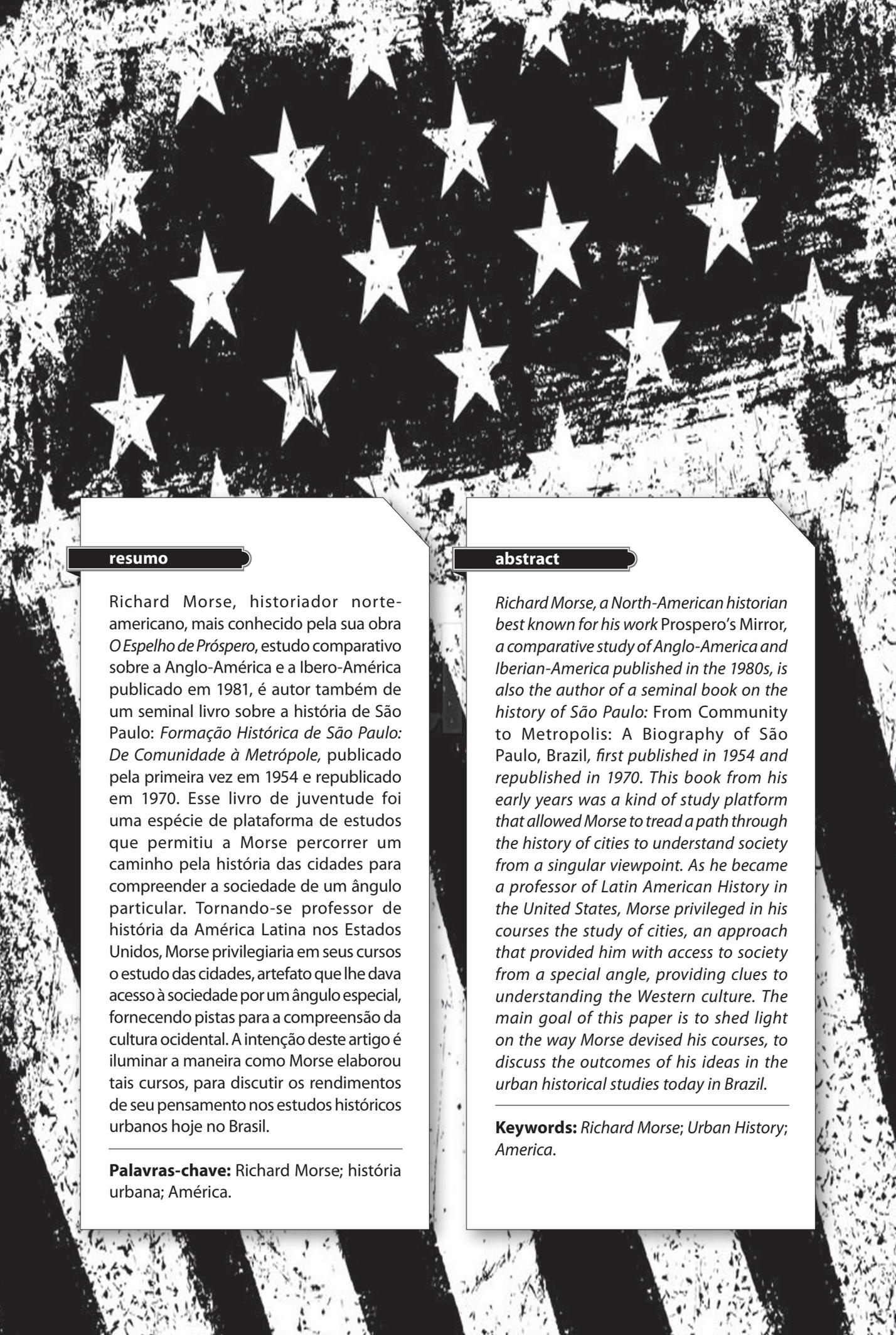


***Um olhar para as cidades: Richard Morse  
e a história urbana no Brasil***

*Ana Claudia Veiga de Castro*



### resumo

Richard Morse, historiador norte-americano, mais conhecido pela sua obra *O Espelho de Próspero*, estudo comparativo sobre a Anglo-América e a Ibero-América publicado em 1981, é autor também de um seminal livro sobre a história de São Paulo: *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade à Metrópole*, publicado pela primeira vez em 1954 e republicado em 1970. Esse livro de juventude foi uma espécie de plataforma de estudos que permitiu a Morse percorrer um caminho pela história das cidades para compreender a sociedade de um ângulo particular. Tornando-se professor de história da América Latina nos Estados Unidos, Morse privilegiaria em seus cursos o estudo das cidades, artefato que lhe dava acesso à sociedade por um ângulo especial, fornecendo pistas para a compreensão da cultura ocidental. A intenção deste artigo é iluminar a maneira como Morse elaborou tais cursos, para discutir os rendimentos de seu pensamento nos estudos históricos urbanos hoje no Brasil.

**Palavras-chave:** Richard Morse; história urbana; América.

### abstract

*Richard Morse, a North-American historian best known for his work Prospero's Mirror, a comparative study of Anglo-America and Iberian-America published in the 1980s, is also the author of a seminal book on the history of São Paulo: From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil, first published in 1954 and republished in 1970. This book from his early years was a kind of study platform that allowed Morse to tread a path through the history of cities to understand society from a singular viewpoint. As he became a professor of Latin American History in the United States, Morse privileged in his courses the study of cities, an approach that provided him with access to society from a special angle, providing clues to understanding the Western culture. The main goal of this paper is to shed light on the way Morse devised his courses, to discuss the outcomes of his ideas in the urban historical studies today in Brazil.*

**Keywords:** Richard Morse; Urban History; America.

**R**ichard Morse, historiador norte-americano que se tornou mais conhecido pelas suas teses pouco ortodoxas sobre o papel das duas Américas no mundo moderno, explicitadas em seu livro *O Espelho de Próspero*, publicado na década de 1980<sup>1</sup>, é também autor de uma importante história de São Paulo, *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*, lançado pela primeira vez em 1954, na efeméride do IV Centenário, e republicado em 1970 na importante coleção Corpo e Alma do Brasil, dirigida por Fernando Henrique Cardoso para a Difusão Europeia do Livro.

Esse livro de juventude, o primeiro trabalho de fôlego do historiador – fruto de sua tese de doutorado desenvolvida na Universidade de Columbia sob a orientação do conhecido latino-americanista Frank Tannenbaum, a partir de pesquisa feita em São Paulo em fins dos anos 1940 –, é apresentado aqui como uma espécie de plataforma de estudos que organizou seus trabalhos e sua trajetória acadêmica dali em diante<sup>2</sup>. Tornando-se professor de

História da América Latina nos Estados Unidos, Morse privilegiaria em seus cursos o estudo das cidades, artefato que lhe dava acesso à sociedade por um ângulo especial, fornecendo pistas para a compreensão da cultura ocidental desde o estabelecimento do capitalismo na Europa.

A intenção deste artigo é iluminar a maneira como Morse encarou a história urbana em seu trabalho como pesquisador e professor para discutir os rendimentos de seu pensamento nesse campo de estudos, na medida em que hoje se nota um renovado interesse por sua obra. Para tanto, recupera-se brevemente sua trajetória acadêmica desde a tese defendida em 1952, elaborada em diálogo com as biografias de cidades que se faziam nos Estados Unidos, mas escrita num ambiente de investigação sobre a América Latina que extrapolava o olhar acadêmico dos *area studies* então em formação. Tendo conhecido em São Paulo a nata da *intelligentsia* paulista, Sergio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Florestan Fernandes, entre outros, Morse soube combinar em sua obra ambas as perspectivas, a do grupo paulista em busca da afirmação de um pensamento científico autônomo que contribuísse para “explicar” o país, e a de professores norte-americanos interessados em com-

1 Lançado em espanhol: *El Espejo de Prospero: Un Estudio de la Dialéctica Del Nuevo Mundo* (Mexico, Siglo XXI, 1982) e republicado em português: *O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas* (São Paulo, Companhia das Letras, 1988), nunca foi publicado em inglês.

2 Para uma análise detida do livro, ver Castro (2013).

**ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO** é arquiteta e urbanista, professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP e autora de *A São Paulo de Menotti del Picchia: Artes, Arquitetura e Cidade nas Crônicas de um Modernista* (Alameda/Fapesp).

preender a cultura ocidental para além da própria América formada na tradição anglo-saxônica.

Em seguida, pontua-se sua trajetória em Yale desde 1957, onde permaneceu por quase 20 anos, não apenas como professor, mas também como *chairman* do Latin American Studies Program e membro de diversos conselhos e grupos de trabalho ligados à América Latina, até ser substituído em 1973 pela historiadora brasileira Emília Viotti da Costa (então cassada pelo AI-5), de modo a recuperar alguns de seus cursos e discutir a bibliografia neles indicada<sup>3</sup>.

Nesse panorama, interessa destacar os pontos que permitem entender como sua maneira de olhar as cidades se relacionou com os estudos urbanos que se estruturaram no segundo pós-guerra, sobretudo com a sociologia urbana que se afirmava no período – sem portanto deixar de lado as condições sociais e materiais da urbanização –, mas levando em conta outra dimensão, a da cultura – por meio sobretudo da produção literária –, o que, naqueles anos de especialização dos saberes, não parecia ser um caminho de análise comum. Busca-se por fim indicar como essa perspectiva voltou a fazer parte dos estudos sobre as cidades mais recentemente, em instigantes interpretações sobre as cidades latino-americanas.

## NA AMÉRICA, EM BUSCA DA OUTRA AMÉRICA

Morse chega à Universidade de Columbia após o fim da Segunda Guerra Mundial, graduado em História pela renomada Universidade de Princeton. Em Nova York, encontra o historiador e antropólogo Frank Tannenbaum em plena atividade, como diretor dos Latin American Seminar, encontros semanais que reuniram em Columbia acadêmicos, diplomatas, políticos, jornalistas, em uma palavra, *intelectuais* que

buscavam discutir os rumos da América Latina, entender sua particular história, mas também incidir nas relações entre aqueles países e os Estados Unidos. Num momento em que os *area studies* começavam a ganhar força como campos de atuação extremamente especializados<sup>4</sup>, Tannenbaum levou adiante uma dinâmica de trabalho para reunir nomes que pudessem dar aos seus alunos uma perspectiva mais ampla dos fenômenos sociais.

Dessa forma, contrariando o que afirma uma certa bibliografia, que após o fim da guerra a América Latina teria passado a um segundo plano<sup>5</sup>, pode-se ver que Tannenbaum atuava para fortalecer os laços não apenas culturais ou acadêmicos, mas também os econômicos e políticos entre os diversos países latino-americanos e os Estados Unidos desde meados dos anos 1940, sem jamais arrefecer nesse esforço até o fim da década de 1960<sup>6</sup>. No outono de 1954 o próprio Richard Morse, já como docente em Columbia, apresentava ali o tema “Linguagem e Civilização na América Latina”, matéria obviamente ampla para alguém que acabara de defender uma tese sobre São Paulo, mas que indica o sentido dos seminários e, mais ainda, a perspectiva que envolvia a sua pesquisa (Figura 1).

3 Em 1979 Morse passa a dar aulas na Universidade de Stanford, na Califórnia, onde permanece até 1984. Posteriormente se transfere para Washington, onde se tornou secretário do Latin American Affairs do Wilson Center, voltando ao Brasil por um curto período de tempo como consultor da Fundação Ford, dirigindo a Comissão de Desenvolvimento Urbano e Regional no Rio de Janeiro.

4 Os chamados “estudos de área” (*area studies*) conheceriam uma maior institucionalização com a promulgação do National Defense Education Act em 1958, dando às universidades norte-americanas recursos generosos destinados à pesquisa, treinamento e ensino para as distintas áreas geográficas de interesse (cf. Almeida, 2001, p. 38).

5 Segundo Elizabeth Cobbs, tratando especificamente da relação com o Brasil, “[...] depois de 1945, a relação com o [país] se deslocou mais e mais para fora dos interesses norte-americanos”, resumindo-se sua nova política na frase: “Don’t call us, we’ll call you” (cf. Cobbs, 1992, p. 6). Para Almeida, do ponto de vista da política universitária, ainda que “no pós-Segunda Guerra, os estudos latino-americanos come[ce]m a experimentar um desenvolvimento em bases mais sólidas nas universidades americanas, com o estabelecimento de seções especializadas, de cunho interdisciplinar, nos departamentos humanísticos ou, onde é pertinente, em centros voltados exclusivamente para os estudos latino-americanos [...] A América Latina aparece[ria], nas diretivas do Conselho de Segurança Nacional, como a região de menor importância estratégica nos planos de segurança externa dos EUA” (Almeida, 2001, p. 35).

6 Tannenbaum falece em 1969, mas os seminários seguiriam acontecendo. Sobre Tannenbaum, ver: Maier & Weatherhead (1974).

Programa das Palestras/Latin American Center – Outono 1954.  
Na primeira linha da página 2: Prof. Richard Morse

*Victor Morse*

SCHEDULE OF SPEAKERS  
LATIN AMERICAN CENTER - FALL Term 1954

Sep. 23	✓ <i>Prof.</i> <i>Del Rio</i> Mr. Angel Del Rio, <i>Col. University</i>	"Que tanto español es la cultura Latinoamericana"
Sep. 30	✓ Prof. Waldo Ross (Chile)	"The Panorama of Chilean Philosophy"
Oct. 7	✓ Dr. José Rivas-Nioud	"Constitutional Development in Uruguay"
Oct. 14	✓ N. de Souza Dantas Romero (Consul of Brazil)	"The Theory of Brazilian Foreign Policy"
Oct. 21	Dr. Max Henriquez-Urueña <i>Sancti Spiritus</i>	"The Bolivian Agrarian Problem"
Oct. 28	No meeting	
Nov. 4	Dr. Esteban Flores <i>1944-45</i>	"The Bolivian Agrarian Problem"
Nov. 11	✓ Dr. Americo Jacobina LaCoche	"Bul Barbozo and Modern Brazil"
Nov. 18	Leopoldo Benitez (Ecuadorian Ambassador to Bolivia, now at U.N.)	"The Problem of Political Stability in Latin America, with Ecuador as a Case in Point."
Dec. 2	Leopoldo Benitez	Same as above
Dec. 9	Mr. Herbert Matthews (New York Times)	"The Cuban Elections"
Dec. 16	Prof. Waldo Ross (Chile)	"Is There a Latin American Philosophy?"
Jan. 6	✓ <i>Jesus G. Galindes</i> <i>Paraguay</i>	"How to Make a Study of Latin American Dictatorship"
Jan. 13	Dr. A. Métraux <i>Unesco</i>	"The Amazon Basin"
Feb. 3	✓ <i>Dr. Felicitas Klug</i> <i>del</i>	"Sociology in Chile"
Feb. 10	Father Benjamin Flores	"The Conflict Between Costa Rica and Nicaragua"
Feb. 17	✓ <i>Lic. Ricardo Rojo</i> <i>Argentine</i>	"Aspectos Economicos del Peronismo"
Feb. 24	Prof. Angel Del Rio <i>Col. University</i>	"Spanish Influence in Latin America"
Mar. 3	✓ <i>José Coronel Urtecho</i>	"Spanish Influence in Central America"
Mar. 10	✓ <i>Dr. Americo Ghidini</i> <i>Argentine</i>	"The Position of Labor in Present-Day Argentina"

Speakers--Latin American Center, 1954-55 (cont'd)

Mar. 17	Prof. Richard Morse <i>del Rio</i>	"Language and Civilization in Latin America"
Mar. 24	Father Argüello	"The Corfidillas in the Colonial Age"
Mar. 31	Mr. W.H. Lumsden <i>Life</i>	"Inter-American Investment Opportunities"
Apr. 14	✓ <i>José Coronel Urtecho</i>	"Our Neighbor, the United States"
Apr. 21	✓ <i>Dr. Ramón Villeda</i> <i>Argentine</i>	"The Honduran Situation"
Apr. 28	✓ <i>Carlos Echeverry-Cortés</i> <i>Argentine</i>	"The Case of Haya de la Torre"
May 5	Lic. Carlos Basaldúa	"El Derecho de Trabajo argentino comparado con el de E.U.U."
May 12	Dr. Mauricio A. Ottolenghi	"Judicial Power in Argentina"

Fonte: Box 20, Frank Tannenbaum Papers, Rare Book & Manuscript Library, Columbia University

Durante seus 25 anos de existência, passaram por esses encontros, entre outros, inúmeros intelectuais, como o economista e diplomata mexicano Daniel Cosío-Villegas; o escritor e político venezuelano Arturo Uslar Pietri; o historiador e ensaísta argentino José Luís Romero; o editor e político colombiano Eduardo Santos Montejó; o sociólogo e ensaísta brasileiro Gilberto Freyre; o economista alemão Albert Hirshmann, àquela altura consultor em Bogotá e depois professor em Columbia; o crítico de arte brasileiro Flávio Motta; e até Fidel Castro, que, ao visitar os Estados Unidos logo depois da Revolução Cubana, seria convidado por Tannenbaum. Também colegas da universidade, com interesse nos problemas latino-americanos, frequentariam essas reuniões, como o romancista espanhol e professor em Nova York Frederico de Onís; o diplomata e crítico venezuelano Mariano Pícon-Salas; o historiador e ensaísta colombiano Germán Arciniegas; o antropólogo brasilianista Charles Wagley. Ou ainda intelectuais europeus como o geógrafo francês Pierre Monbeig e o

antropólogo Alfred Métraux, que tinham alguma ligação com a América Latina em suas trajetórias. A maioria, membros de uma geração em que duas chaves de atuação – cultura e política – pareciam se complementar.

Dessa forma, atuando no momento em que a especialização começava a ser cada vez mais valorizada, ao mesmo tempo em que as grandes explicações, vistas como impressionistas e pouco adequadas, eram deixadas de lado em nome de uma pretensa cientificidade do conhecimento (o que implicou a segmentação dos temas e o abandono das perspectivas totalizantes), Richard Morse acabou por construir uma visão que unia as duas formas de empenho acadêmico para compreender a América Latina. Como disse certa vez Decio de Almeida Prado a respeito da sua geração, um dos “trunfos” daquele grupo de intelectuais, do qual ele fazia parte e que se afirmara em São Paulo nos anos 1940, tinha sido a visão a cavaleiro da história, “montado ao mesmo tempo sobre a liberdade do ensaísmo e a objetividade dos cursos universitários” (Prado, 1999, p. 37).

Morse, intelectual dessa mesma geração, viveu situação similar, participando intensamente de uma universidade que buscava delimitar os campos de estudo, mas convivendo de perto com um intelectual que jamais deixou de lançar mão de intuições e hipóteses formuladas a partir da sua própria experiência para compreender o mundo que o cercava, as sociedades e suas culturas, submetendo sempre a pesquisa científica ao escrutínio da realidade, jamais o oposto. Como apontou o historiador Maurício Tenório, naqueles anos “o *boom* universitário transforma[va] os sistemas tradicionais de produção de ideias”. Sendo assim,

“Morse [passaria a] distingu[ir] duas formas de reprodução do pensamento latino-americano: a dos ‘intelectuais’ no sentido mais amplo (artistas, escritores, pensadores) e a dos cientistas sociais surgidos das universidades. Num ritmo mais ou menos contemporâneo das ciências sociais ocidentais, os universitários se dedicam aos pormenores das grandes transformações (sociais, econômicas, administrativas, educacionais, etc.). Morse encontr[ou] nos literatos a outra forma de conhecimento, a qual constata a resistência das sociedades à mudança, ou seja, a permanência” (Trillo, 1989).

Se eram os literatos os intelectuais cuja visão compreendia de maneira mais profunda as sociedades em que viviam, porque conseguiam perceber as permanências mesmo nos períodos de grandes transformações, foi com eles que o jovem historiador buscou dialogar em seu primeiro livro, elegendo os poetas Álvares de Azevedo e Mário de Andrade como “criadores de símbolos” cujas obras podiam fornecer, de seu ponto de vista, um acesso privilegiado à história da capital paulista (Morse, 1954, p. 18). Para Morse, a produção do artista era potencialmente reveladora:

“O artista é com frequência o símbolo mais satisfatório para captar e refletir os processos vivos de uma sociedade. [...] O artista é, a um tempo, mais capaz de compartilhar-se e envolver-se, e de ser mais objetivo do que seus semelhantes” (Morse, 1954, p. 87).

Dito de outra forma, não que estudos científicos e pesquisas acadêmicas tivessem que ser descartados ou menosprezados, mas desta particular perspectiva, esse material tornava-se coadjuvante de um sentido antes revelado na própria forma literária. Isso porque, sendo a matéria artística historicamente formada, ela estabeleceria nexos com a vida social produzindo aquilo que Adorno chamou de “a historiografia inconsciente de si mesma e de sua época” (Adorno, 1970, p. 207).

Assim, vemos que Morse organizou sua obra sobre São Paulo a partir dos dois movimentos literários: Romantismo e Modernismo, compreendendo a urbanização paulista a partir da mudança de sensibilidades, ou, nas suas palavras, da transformação do *ethos* paulista, que ocorria entre os dois períodos. A tríade café-ferrovia-imigração, recorrentemente vista como “a” explicação sobre a urbanização paulista, passava a ser tensionada pelas transformações culturais e de mentalidade que ocorriam na cidade.

No mesmo ano de 1954, outro autor buscou colocar cidade e literatura em relação. Respondendo à efeméride do IV Centenário, Antonio Candido publicaria num suplemento especial do jornal *O Estado de S. Paulo* o ensaio “A Literatura na Evolução de uma Comunidade”<sup>7</sup>. Neste artigo, Candido caracterizava as “diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo”, reconhecendo a “ligação orgânica entre produção literária e vida social”. Se uma obra é única, a “literatura é coletiva”, e por isso ela serviria de índice de compreensão da vida social. Ali é possível notar a ideia de “sistema literário” – esquema explicativo da sua obra *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, publicada em 1959 – em plena elaboração. Ao destacar uma série de momentos decisivos da literatura produzida em São Paulo, organizando-a em cinco fases, Candido também pontuava o Romantismo e o Modernismo como dois momentos fortes, em que a literatura produzida na cidade “contou” para a nação, na esteira, é verdade, da leitura do próprio Mário de Andrade, protagonista e intérprete do Modernismo<sup>8</sup>. Nesse senti-

7 Republicado em: Candido (2000, p. 142).

8 Ver Castro (2013), especialmente capítulo 2.

do, pode-se afirmar que a obra de Morse sobre São Paulo é fruto não só das lições aprendidas com Tannenbaum, mas também de seu encontro em São Paulo com Antonio Candido, que lhe forneceria pistas fundamentais para sua aproximação da história da cidade<sup>9</sup>.

Ora, mas num momento de crescente especialização, não apenas os temas de estudos se segmentavam. A própria forma de compreensão das disciplinas sofreria mudanças, levando também o campo da história a se fragmentar em nichos particulares de atuação, a história urbana sendo um deles.

O primeiro trabalho considerado fundador dos estudos de história urbana nos Estados Unidos é o livro *The Rise of the City (1878-1898)*, de Arthur Schlesinger, publicado em 1933 e que apontava para o papel fundamental das cidades na compreensão da própria nação (Schlesinger, 1933)<sup>10</sup>. A partir de então, uma série de estudos monográficos sobre as cidades norte-americanas começou a aparecer, passando a ser chamados de “biografias de cidade”. Se um biógrafo estudava o crescimento e o desenvolvimento de um ser humano desde o seu nascimento, também os biógrafos urbanos deveriam investigar o crescimento e o desenvolvimento de cidades desde sua fundação. Um historiador chegou a afirmar:

“Depois de um ano de estudo sobre Memphis, convenci-me de que *uma biografia adequada de nossas principais cidades* – Nova York, Chicago, Nova Orleans, São Francisco, Kansas City e mais uma dezena delas – *significaria mais à nação do que a biografia de uma figura*, mesmo tão proeminente como Theodor Roosevelt. [...] Esta tarefa tão importante, ainda que interesse ao sociólogo, ao economista, ao genealogista e ao literato, é primeira e fundamental tarefa do historiador – tarefa que foi negligenciada até agora” (Carpers apud Glaab, 1965, p. 52 – grifos meus).

9 Ambos conviveram em São Paulo na década de 1940, dando início a uma amizade intelectual que duraria toda a vida (cf. Candido, 1992, pp. 7-12).

10 O livro fazia parte da coleção *History of American Life*, publicada em 13 volumes, e por cobrir o período entre 1878 e 1898, justamente o de urbanização mais intensa, acabou sendo considerado o primeiro trabalho de história urbana (cf. Stave, 1977).

Desde as metrópoles nacionais, como Nova York ou Chicago, às metrópoles locais, como Memphis ou Pittsburgh, até as cidades menos conhecidas, como Holyoke, nascida no bojo da Revolução Industrial do século XIX, toda e qualquer cidade tornou-se alvo de interesse para os historiadores. Durante os anos que se seguiram ao livro de Schlesinger, dezenas de pesquisas sobre cidades seriam publicadas. Compreende-se assim que a primeira edição do livro de Morse sobre São Paulo se chame justamente *De Comunidade a Metrópole: A Biografia de São Paulo*<sup>11</sup>. O título evidencia a relação com essa história urbana norte-americana, compartilhando com ela a intenção de compreender o fenômeno urbano em um largo espectro temporal.

Mas esse título também revela o diálogo com a sociologia norte-americana, em trabalhos que vinham explorando a passagem da *comunidade* à *sociedade* e seus efeitos nas cidades norte-americanas, desenvolvidos sobretudo na Universidade de Chicago<sup>12</sup>. Tais pesquisas investigavam as transformações urbanas ocorridas a partir da chegada de imigrantes no século XIX, vindos de comunidades agrárias da Europa e cujo rompimento com o mundo rural resultava em uma intensa desagregação social, visível por exemplo no cenário de crimes e violência da própria Chicago<sup>13</sup>. Partindo dos estudos de Ferdinand Tönnies, cujo *Gemeinschaft und Gesellschaft* sintetizara no início do século XX as diferenças fundamentais entre estes dois polos, *comunidade* e *sociedade*, várias gerações de sociólogos

11 Título que Morse manteve ao editar o livro em inglês: *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil* (Morse, 1958).

12 Essa universidade sediou o primeiro departamento de sociologia da América, abrigando uma série de pesquisas que seriam realizadas sobre as condições da metropolização nos Estados Unidos e seus efeitos sociais (ver Bulmer, 1984).

13 O testemunho de Maiakovski, que visitou Chicago na década de 1920, sintetiza o clima da época: “Os matadouros não passam sem deixar vestígios. Depois de trabalhar um tempo neles, ou você vai virar vegetariano ou vai matar pessoas tranquilamente, quando estiver farto de se divertir no cinema. Não é à toa que Chicago é palco de assassinatos sensacionais, de bandidos legendários. Não é à toa que nesse ambiente, de cada quatro crianças, uma morre antes de completar quatro anos” (cf. Maiakovski, 2007, p. 103).

desde então formulariam leituras e explicações sobre os efeitos dessa passagem<sup>14</sup>.

Em seu livro sobre São Paulo, Richard Morse mobiliza, portanto, uma série de referências para produzir uma história urbana que é também uma espécie de esquema interpretativo, alcançando um resultado que até hoje é lido por aqueles interessados na história da cidade. Como dito por Florestan Fernandes em uma resenha no calor da hora, a obra, construída “sob preocupações historiográficas muito complexas”, contém uma “perspectiva da ‘síntese histórica’ [...] engrandecida pela exploração contínua de recursos interpretativos fornecidos pelas ciências sociais”, que faria dela uma espécie de “história cultural” da cidade *avant la lettre* (Fernandes, 1956). Em outra apreciação, já na década de 1990, suas palavras reafirmariam o valor daquele trabalho de juventude:

“O primeiro trabalho de envergadura do historiador não é, necessariamente, um item superficial em sua produção. Como explicar o passo ousado de partir do ponto zero da ‘colonização’ (assinale-se: não da civilização, pois as terras eram ocupadas por diversas populações indígenas) e tentar percorrer os altos e baixos da transformação da ‘comunidade’ em ‘metrópole’? Não basta para isso a energia juvenil. Carece o talento maduro, manejado pela imaginação histórica que agregue capacidade de invenção, dedicação extrema à exploração de fontes e de bibliografias exuberantes e confiança de que certas tendências gerais à continuidade e à mudança possuem fundamento *in re*. Desse ângulo, o historiador jovem ultrapassa a categoria de idade – a competência, a argúcia e o espírito criador ganham a primazia e decidem o que será a obra” (Fernandes, 1995, p. 90).

De fato, vê-se que, mesmo com o aumento do número de teses e estudos especializados, a obra de Morse continua sendo uma referência fundamental. Volta-se a ela para confirmar hipó-

teses, recolher citações, conferir dados, aprofundar intuições, e é raro que seu livro não conste da bibliografia de qualquer trabalho sobre São Paulo<sup>15</sup>. Por isso mesmo, chama a atenção Morse não ter tido naqueles anos seguidores, discípulos ou mesmo admiradores que tomassem dali lições sobre a forma de se estudar as cidades. O próprio Morse, entretanto, faria de seu livro uma plataforma de estudos.

## NA AMÉRICA, UM OLHAR PARA AS CIDADES

Ao se observar o programa de seus cursos na cadeira História da América Latina em Yale, na década de 1960, nota-se como as cidades ocuparam um lugar central, sendo tomadas como um artefato que fornecia um ângulo particular para entender as sociedades. Das diversas disciplinas que Morse oferece ao longo dos anos 1960, a cidade foi um objeto importante na maioria delas: “*Study of the City*” e “*Introduction to Study of the City*”; “*Latin American Urban History, Urban History of Colonial Latin American*”; “*Urban History and Colonial Latin American Studies*”; “*Studies in Latin American Urban History*”; “*Latin American History*”; “*Brazilian History*”; “*Brazilian Modernism*”<sup>16</sup>. Pela bibliografia empregada ali, pode-se verificar que Morse reafirmava a vontade de traçar panoramas e visões de longo alcance, mantendo um diálogo com a literatura especializada contemporânea, sobretudo com a sociologia urbana, mas buscando ir além das questões mais imediatas, inserindo-as em uma perspectiva histórica.

Em “*Study of the City*”, que pode ser vista como uma disciplina introdutória aos temas debatidos por Morse, pretendia-se “examina[r] certos aspectos da vida e dos problemas contemporâneos” por meio de três módulos: *The ethos of urban life; Cities and National Cultures: three case studies; “Making it” in Cities*. O curso co-

14 Entre os norte-americanos, Robert Park e Luis Wirth, que escreveram trabalhos fundadores para a compreensão da vida urbana naquele país (cf. Park, 1915; Wirth, 1938; e, também, Redfield, 1941 – que extrapolou os estudos para além dos Estados Unidos, fazendo da América Latina seu laboratório de pesquisa.

15 Sobre os leitores de Morse, ver: Castro (2013, pp. 25-47).

16 Cf. Programas constantes em Series III, Box 7 - Folders 11-16, Richard McGee Morse Papers, Manuscript & Archives Library, Yale University.

meçava perguntando se a vida urbana teria características universais, para em seguida explorar a história comparada entre os Estados Unidos, a América Latina e o Japão – de modo a examinar três distintas sociedades que passavam por períodos de forte urbanização desde o século XIX –, e posteriormente adentrar em temas específicos como migração campo-cidade, escolarização, mobilidade social, etc.

Já no primeiro módulo, ainda que apoiado nos clássicos Tönnies e Durkheim, era o trabalho de Redfield (inspirado nessa bibliografia clássica) a leitura obrigatória: *The Folk Culture of Yucatan* – o mesmo livro que lhe servira como mote em seu trabalho sobre São Paulo –, no qual o sociólogo de Chicago tomava quatro comunidades mexicanas como representantes de quatro diferentes estágios da urbanização, numa espécie de linha evolutiva que ele chamou de *continuum folk-urban*<sup>17</sup>. O historiador indicava títulos de sociologia urbana, trazendo ao debate os principais nomes da discussão contemporânea.

Ao comparar, no segundo módulo, as três diferentes culturas, Morse se valia do trabalho de Stephen Therstorn – que juntamente a Richard Sennet havia acabado de lançar o livro *Nineteenth Century Cities: Essays in New Urban History*, considerado desde então o trabalho que inaugurou uma *nova história urbana* – para introduzir a cidade anglo-saxã na América. Para discutir a cidade no Japão, indicava o trabalho de um *scholar* japonês, T. Yasaki, que traçara em *Social Change in the City in Japan* um largo panorama histórico sobre a “ocidentalização” daquele país da Ásia, mostrando como o envolvimento japonês com a ciência e a cultura ocidentais fora no geral controlado e metódico. Para discutir as cidades na América Latina, mobilizava o livro de Gerald Bresse, *The City in Newly Developing Countries*, seu próprio artigo “Culture and Urban Change in Latin America” e ainda o livro de Carolina de Jesus, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. No terceiro módulo, retornava às leituras

---

17 No trabalho sobre São Paulo, Morse discute a ideia de *continuum*, problematizando a linearidade e a evolução presentes nessa perspectiva, apontando para conclusões mais complexas e vendo a manutenção da “comunidade” na metrópole paulista.

sociológicas e históricas contemporâneas, buscando especificar o processo de urbanização e refletir sobre seus efeitos, a partir de tópicos que iam da migração à mobilidade social, dos cortiços aos guetos, relacionando raça e escolaridade, etc.

Percebe-se assim que para entender a América Latina não bastava o trabalho realizado na academia. Morse também lançava mão da obra escrita por uma “favelada” – que se tornara um verdadeiro *bestseller* na década de 1950, contrariando o olhar ufanista paulista sobre a modernização e a urbanização da capital – para discutir a outra face do processo não apenas a partir de pesquisas sociológicas. Não se tratava de opor os dois olhares, mas de indicar outro caminho de compreensão, que, ao mesclar vozes, discutia a pertinência dos modelos explicativos universais que, como ele mostrava, partiam sempre de uma matriz europeia, mais especificamente do norte da Europa, desprezando a origem ibérico-católica – que certamente trazia consequências para a sua forma de desenvolvimento – daqueles espaços sociais<sup>18</sup>.

Em uma prova desse curso, as questões propostas pelo historiador explicitam o caminho que ele indicava. Morse pede aos alunos que comparem as formas de vida das classes populares na Londres do século XVIII com as do Brasil do século XIX, com base em dois ensaios: o de Dorothy George, *London Life in the XVIIIth Century*, publicado em 1925, que recorria à literatura e a reportagens para revelar as formas de vida da classe trabalhadora, e *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, publicado em 1936 e traduzido para o inglês como *Mansions and Shanties*. Sugere para essa comparação uma série de tópicos que podem ser objeto de atenção dos alunos, como “distribuição ocupacional” ou “padrões de mobilidade”, e, entre eles, inclui “temperamento e textura da vida urbana”. O que isso quer dizer? Morse demanda dos alunos algo

---

18 Em seu livro sobre São Paulo são muitas as passagens que tratam desse ponto, ainda que a cidade lhe chamasse a atenção inicialmente por parecer ser uma “verdadeira” metrópole capitalista, mas com o passar dos anos, nas reedições do livro, Morse vai dando mais atenção ao que diferenciava aquela metrópole das dos países centrais, valorizando essas variações como potencialmente importantes para oferecer ao mundo outro caminho de modernização. Para um aprofundamento da discussão, ver: Castro (2013).

que vai além da bibliografia, e que depende do envolvimento de cada um com leituras mais amplas que lhe permitam construir uma compreensão própria do mundo urbano e social, envolvendo as diversas esferas da vida social. E a cultura, mais uma vez, é uma porta de entrada potente. Por isso, ele indicaria no final do exercício: “*Fell free to hand-taylor your own topics within the broad fields of the urbanization of post-medieval Europe, Latin America, and the United States, making critical use of the readings and lectures*”.

Em “*Latin American Urban History*” vê-se o semestre organizado por tópicos tão variados quanto: *City and Country in Argentine Literature*; *Urban History in World Perspective*; *Urbanization in Development Countries*; *A Latin American Case Study* (justamente a partir de seu livro sobre São Paulo); *The Folk-Urban Continuum and its Critics*; *Case Studies in Urban Social Organization* e *Urbanization Trends in Latin America*. Também aqui a América Latina continuava demandando outras vozes para ser de fato compreendida e, assim, juntamente a toda a literatura histórica e sociológica contemporânea, Carolina de Jesus novamente, ao lado de Simmel e Gilberto Freyre, explicitavam um caminho de pensamento pouco ortodoxo, que partia de uma compreensão vitalista sobre as cidades, para chegar ao *ethos* latino-americano.

No seu curso “*Urban History of Colonial Latin America*” – cuja bibliografia incluía clássicos europeus como Henri Pirègne e Max Weber, ou ainda Charles Boxer, ao lado de historiadores urbanos norte-americanos contemporâneos, como Richard Wade (autor de *The Urban Frontier: the Rise of Western Cities*, 1959) ou Eric Lampard (autor de *American Historians and the Study of Urbanization*, 1961) –, Morse indicava ainda a leitura do arquiteto Jorge Enrique Hardoy, com quem organizou uma série de obras sobre a América Latina<sup>19</sup>, e aqui também o ensaísmo apare-

19 O arquiteto argentino Jorge Enrique Hardoy, do Centro de Estudios Urbanos y Regionales do Instituto Torcuato di Tella, foi um parceiro importante de Morse no campo da história urbana, e junto ainda a Richard Schaedell, do Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, organizariam alguns volumes: Hardoy, Morse & Schaedell (1978); Hardoy & Morse (1985); Hardoy & Morse (1989).

cia, com a leitura, por exemplo, de *La Multitud, la Ciudad y el Campo en la Historia del Peru* (1929), de Jorge Basadre.

Os exemplos se sucedem e demonstram como o trabalho sobre a história de São Paulo permitiu que Morse construísse um olhar ampliado para o urbano, fornecendo temas, problemas e sobretudo formas de pensar a cidade latino-americana, que partiam da própria constituição de uma Europa urbana no final do período medieval, mas que podiam recuperar ainda as cidades do Império Romano a fim de compreender a formação da Península Ibérica<sup>20</sup>. Ao mesmo tempo, Morse atuava como um importante animador desse campo de estudos em formação, organizando e participando de seminários e debates, lançando obras e elaborando balanços bibliográficos<sup>21</sup>. Por isso, insisto, não deixa de ser curioso notar que no Brasil seu trabalho tenha tido pouca penetração no campo da história urbana, do ponto de vista metodológico. Ou talvez possamos dizer que a própria história urbana levaria mais tempo para se configurar aqui como um campo disciplinar<sup>22</sup>.

## NO BRASIL, A HISTÓRIA URBANA E O TRABALHO DE MORSE

Ainda que o primeiro momento de produção bibliográfica sobre a formação urbana no Brasil recue à geração de pensadores da formação social brasileira, que buscaram discutir a formação do território e da identidade nacional nos seus aspectos econômicos e sociais, foi de fato nos anos 1930

20 Como indica o programa da disciplina “*Urban History of Colonial Latin America*”, cujos tópicos eram: 1. *Town Founding in the Caribbean*; 2. *The Urban Structure of New Spain*; 3. *Urban Development in Spanish South America*; 4. *Town Life in Brazil*; 5. *The Towns of the Roman Empire: Latin American Analogies*; 6. *The Towns of Medieval Europe*; 7. *Latin American Contrasts*; 8. *Spanish Cities*; 9. *Spanish Urban Form and Transit to the Indies*; 10. *The Urban Development of Anglo-America: Comparison-Contrast*.

21 Não cabe aqui listar os inúmeros volumes em que Morse foi colaborador ou organizador, nem todos os seminários de que participou; os títulos organizados com Hardoy citados anteriormente indicam como esse trabalho foi profícuo.

22 A respeito, ver: Raminelli (1997).

e 1940, já no contexto de criação da Universidade de São Paulo, que as contribuições mais importantes sobre o mundo urbano começaram a aparecer, justamente quando uma certa autonomização disciplinar começa a se consolidar<sup>23</sup>.

No campo da geografia, surgiram nos anos de 1950 alguns importantes estudos monográficos sobre cidades e regiões, como foi o caso dos trabalhos de Aroldo de Azevedo e Pierre Monbeig, que buscavam entender o processo de constituição do espaço urbano da capital paulista inserida na sua região (Azevedo, 1958; Monbeig, 1952, 1953). Na sociologia, os chamados “estudos de comunidade”, ainda que dando maior peso ao polo comunitário que ao polo societário, contribuíram para trazer o fenômeno urbano para o centro dos debates (cf. Magnani, 1992). No campo da história, o interesse pelas cidades demoraria mais para se constituir como tema de estudos, e talvez tenha sido Emília Viotti da Costa quem deu maior importância às formações urbanas, na década de 1960, buscando trabalhar a partir dos marcos de uma história urbana<sup>24</sup>. Seu texto “Urbanização no Brasil no Século XIX”, publicado em livro em 1977, no volume *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, é um exemplo fundamental de como o fenômeno urbano incide no entendimento da formação da sociedade brasileira.

Foi, entretanto, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma Universidade de São Paulo (FAU-USP) que a pesquisa histórica so-

bre as cidades acabou se constituindo como um campo autônomo. Com a reforma de 1962, que estruturaria o curso em três departamentos, além de Projeto e de Tecnologia foi criado também um departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, congregando arquitetos, historiadores da arte e sociólogos voltados ao ensino da história da arquitetura, das técnicas, das artes e do urbanismo. Nesse processo, Nestor Goulart Reis Filho foi um nome fundamental, postulando o uso do termo “urbanização” para enfatizar a ideia de processo no estudo da história urbana. A publicação de *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil* em 1967, resultado da sua tese defendida em 1964, inauguraria a história da urbanização, mais que uma história urbana, como um campo de estudos em São Paulo. Vista como um processo que se dá no conjunto da sociedade, organizando as pessoas no território, a urbanização seria tomada por esse autor como um conceito abrangente o bastante para abarcar toda a complexidade das relações entre processo social e espaço.

Conforme explica Rebeca Scherer, na década de 1960 o trabalho de pesquisa em história na FAU procurou incorporar o arcabouço teórico e conceitual das ciências sociais ao estudo dos fenômenos urbanos, criticando as perspectivas positivistas e funcionalistas. Se as análises partiam dos vestígios materiais e de sua inserção urbana, dava-se atenção também aos processos de produção e às relações estabelecidas em todas as escalas de organização do espaço. Em seguida, com a institucionalização da pós-graduação a partir de 1972, ocorreria uma delimitação mais clara dos campos disciplinares, fazendo da história urbana um tema cada vez mais de arquitetos e urbanistas – o que talvez tenha contribuído para que a perspectiva interdisciplinar de Morse fosse deixada de lado –, como confirmam os grupos de pesquisas e os seminários que se instituíram no Brasil desde então (Scherer, 1994).

Mas hoje, quando se nota um interesse renovado pela cultura e pela literatura como portas de entrada para o fenômeno urbano, quando as cidades, reconhecidas como entidades complexas e de difícil redução teórica, são tomadas não apenas como laboratórios para compreender a sociedade, nem como cenários onde a vida social acontece, mas vistas em si como objetos de análise que va-

23 Capistrano de Abreu e depois Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior discutiram os temas da colonização e da formação brasileira, nos quais os núcleos urbanos aparecem na sua relação com o mundo rural. Se Capistrano abria as sendas da compreensão do território, com seu pioneiro *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* (1930, edição póstuma), Freyre, com *Sobrados e Mucambos* (1936), inseria a cidade de modo interessado na discussão do país. Da geração de pensadores da década de 1930, há que se destacar o famoso capítulo de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* (1936), “O Semeador e o Ladrilhador”, considerado desde então o grau zero da história das cidades coloniais.

24 A historiadora Raquel Glezer fala da institucionalização dos estudos históricos urbanos ainda na década de 1960 sob a liderança de Emília Viotti da Costa, cortada pelo Golpe Militar de 1964 e a cassação da referida professora – que então iria para Yale para justamente trabalhar no lugar de Richard Morse, a convite do mesmo, então licenciado (cf. Glezer, 2001; Costa, 2002).

lem a pena serem investigados em vários níveis<sup>25</sup>, o trabalho de Richard Morse parece voltar à cena.

É verdade que já na década de 1990 cidade e literatura se mesclavam em trabalhos publicados, como os de Flora Süssekind ou de Nicolau Sevcenko, seguidos por outros<sup>26</sup>. Mas ali a referência a Morse nunca apareceu, sendo tais trabalhos devedores da renovação historiográfica das décadas anteriores, que defendia a ampliação das fontes, dos objetos e dos métodos, e que também chegava ao Brasil. Salvo engano, apenas Maria Alice Rezende de Carvalho, em seu livro *Quatro Vezes Cidade*, faria uma referência explícita a Richard Morse ao escrever sobre o Rio e seus autores (Carvalho, 1994, pp. 15-63). Morse, por seu turno, publicava nessa década seu grande texto sobre a cultura latino-americana, “O Multiverso da Identidade Latino-Americana, c. 1920-c.1970”, no qual, a partir da análise de três cidades, São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México, traçaria um panorama abrangente das transformações urbanas e culturais do subcontinente, apoiando-se na produção dos seus intelectuais (Morse, 2011).

Se hoje podemos reconhecer finalmente os frutos de um diálogo efetivo e direto com a obra e o pensamento de Richard Morse sobre as cidades, isso ocorre em uma obra de abrangência sul-americana. O projeto Ciudades Sudamericanas como Arenas Culturales, organizado pelo arquiteto argentino Adrián Gorelik e pela antropóloga Fernanda Peixoto, reuniu pesquisadores que, a partir da figura-chave “arenas culturais”, desenvolveram leituras urbanas sobre as capitais latino-americanas (Gorelik & Peixoto, 2016). Essa noção havia sido formulada no ensaio “Cidades Periféricas como Arenas Culturais”, que Morse publicara em

1984 e no qual defendia a capacidade de as cidades serem simultaneamente “lugar de germinação, de experimentação e de combate cultural” (Gorelik & Peixoto, 2016, p. 13). Revisando uma literatura que explorava a ligação entre cultura e cidade – as obras de José Luís Romero (1971), Carl Schorske (1979) e Marshall Berman (1982) – Morse reincidia ali em seu tema de eleição, o papel da cultura para a compreensão da modernização latino-americana, para defender que as culturas periféricas seriam mais intensas que as culturas dos países centrais. Sem necessariamente concordar com essa abordagem (quase romântica), o livro de Gorelik e Peixoto retoma a figura da “arena cultural” para sugerir leituras da vida urbana na América Latina que possam, a partir de seus artistas, escritores e ensaístas, encontrar outras facetas interpretativas. Buscando “identificar contrastes e coincidências” que pudessem permitir traçar linhas de “conectividade cultural entre as diferentes cidades”, os diversos textos estabelecem um diálogo não linear, mas cuja fragmentação é a própria expressão da vida social, revelando a pluralidade de experiências urbanas e estabelecendo nexos entre práticas sociais, configurações simbólicas e a constituição material do espaço.

Num momento em que a América Latina, do ponto de vista urbano, já não pode mais ser compreendida por meio das visões sociológicas planificadoras, que até o final da década de 1970 foram a principal chave interpretativa para suas cidades, talvez de fato seja a cultura, e a cultura urbana, que possa fornecer aos pesquisadores interessados nas suas cidades um caminho de reflexão inovador<sup>27</sup>. Caminho, como vimos, que Morse percorreu em sua longa e profícua trajetória.

25 A respeito, ver: Gorelik (2009).

26 Para uma revisão destes trabalhos, ver: Castro (2016).

27 A pesquisa “Figurações de São Paulo: Cidade, Cultura e Experiência Urbana no Século 20”, desenvolvida por um grupo de investigadores na FAU-USP, sob a coordenação de Ana Lanna, também retoma uma perspectiva morsiana de compreensão da vida urbana para discutir

São Paulo como uma “capital cultural”. Operando com as noções de fronteiras e conexões, a cidade é tomada como um espaço social poroso e polissêmico avesso aos pares analíticos de modernidade e tradição, rural e urbano, nativo e estrangeiro. Dessa forma, buscando desestabilizar recortes usuais, a pesquisa quer estabelecer uma análise do espaço construído, vivido e imaginado da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. "Os Estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: A Produção Brasilianista no Pós-Segunda Guerra", in *Estudos Históricos*, n. 27. Rio de Janeiro, FGV, 2001, pp. 31-61.
- AZEVEDO, Aroldo (org.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.
- BERMAN, Marshall. *All That Is Solid Melts Into Air: The Experience of Modernity*. New York, Verso, 1982.
- BULMER, Martin. *The Chicago School of Sociology*. Chicago, University of Chicago Press, 1984.
- CANDIDO, Antonio. "A Literatura na Evolução de uma Comunidade", in *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo, T. A. Queiróz, 2000, pp.139-68.
- \_\_\_\_\_. "Young Mr. Morse", in Carlos Guilherme Mota (org.). *Um Americano Intranquilo*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1992, pp. 7-12.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. "A Produção de uma Cidade: O Rio de Janeiro por seus Autores", in *Quatro Vezes Cidade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 1994, pp.15-63.
- CASTRO, Ana. "Figurações da Cidade: Um Olhar para a Literatura como Fonte da História Urbana", in *Anais do Museu Paulista*, v. 24, n. 2. São Paulo, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Um Americano na Metrópole [Latino-Americana]: Richard Morse e a História Cultural Urbana de São Paulo, 1947-1970*. Tese de doutorado. São Paulo, FAU-USP, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-06082013-142628/pt-br.php>
- COBBS, Elizabeth. *The Rich Neighbor Policy. Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven/ London, Yale University Press, 1992.
- COSTA, Emília Viotti da. "Entrevista", in José Geraldo Vinci Moraes e José Marcio Rego. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo, Editora 34, 2002, pp. 65-94.
- FERNANDES, Florestan. "O Historiador Enquanto Jovem", in *Luso-Brazilian Review*, v. 32, n. 2. Winter, 1995, pp. 89-92.
- \_\_\_\_\_. "Resenha Bibliográfica: De Comunidade à Metrópole", in *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, 20/10/1956, p. 1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561020-24991-nac-0010-lit-2-not>. Acesso em: 28/12/2016.
- GLAAB, Charles. "O Historiador e a Cidade Norte-Americana: Estudo Bibliográfico", in Phillip Hauser; Leo Schnore. *Estudos de Urbanização*. São Paulo, Pioneira, 1965, pp. 49-74.
- GLEZER, Raquel. *Chão de Terra e Outros Ensaios sobre São Paulo*. São Paulo, Alameda, 2001.
- GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). *Ciudades Sudamericanas como Arenas Culturales*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2016.
- GORELIK, Adrián. "Cultura Urbana sob Novas Perspectivas. Entrevista a Ana Castro e Joana Mello", in *Novos Estudos*, n. 84. São Paulo, Cebrap, 2009, pp. 235-49. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002009000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200013).
- HARDOY, J. E.; MORSE, R. (orgs). *Nuevas Perspectivas en los Estudios sobre Historia Urbana Latinoamericana*. Buenos Aires, IIED-GEL, 1989.
- HARDOY J. E.; MORSE, R.; SCHAEDELL, R. (eds.). *Ensayos sobre la Urbanización en America Latina*, 1978.
- HARDOY, J. E.; MORSE, R. *Cultura Urbana Latinoamericana*. Buenos Aires, Clacso, 1985.

- MAGNANI, José Guilherme. "O Campo da Antropologia", in Maria Lucia Perrone Passos (org.). *Cadernos de História de São Paulo*, n. 1. São Paulo, MP-USP, 1992, pp. 45-56.
- MAIAKOVSKI, Vladimir. *Minha Descoberta da América*. Trad. Graziela Schneider. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- MAIER, Joseph; WEATHERHEAD, Richard W. *Frank Tannenbaum. A Biographical Essay*. New York, University Seminars, Columbia University, 1974.
- MONBEIG, Pierre. *La Croissance de la Ville de São Paulo*. Grenoble, Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Pionniers et Planteurs de São Paulo*. Paris, Librairie Armand Colin, 1952.
- MORSE, Richard. "O Multiverso da Identidade Latino-Americana – c. 1920 - c. 1970", in Leslie Bethell (org.). *A América Latina Após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade (História da América Latina, Vol. VIII)*. São Paulo, Edusp, 2011, pp. 19-160.
- \_\_\_\_\_. "'Peripheral' Cities as Cultural Arenas (Russia, Austria, Latin America)", in *Journal of Urban History*, v. 10, n. 4, 1984, pp. 423-52.
- \_\_\_\_\_. *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*. Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg. São Paulo, Comissão do IV Centenário, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade a Metrópole*. Trad. complementares Antonio Candido. São Paulo, Difel, 1970.
- \_\_\_\_\_. *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville, Florida University Press, 1958.
- \_\_\_\_\_. *O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- PARK, Robert. "The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Human Environment", in *The American Journal of Sociology*, v. 20, n. 5, mar. 1915, pp.577-612
- PRADO, Decio de Almeida. "O Clima de uma Época", in Flavio Aguiar (org.). *Antonio Candido: Pensamento e Militância*. São Paulo, Humanitas, 1999, pp. 25-43.
- RAMINELLI, Ronald. "História Urbana", in Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Método*. Rio de Janeiro, Elsevier, 1997, pp. 185-202.
- REDFIELD, Robert. *The Folk Culture of Yucatan*. Chicago, The University of Chicago Press, 1941.
- ROMERO, José Luís. *América Latina, Las Ciudades y las Ideas*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1971.
- SCHERER, Rebeca. "História, Teoria e Método nos Estudos de Urbanização", in *Revista Pós*, n. especial. *O Estudo da História na Formação do Arquiteto*. São Paulo, 1994.
- SCHLESINGER, Arthur. *The Rise of the City 1878-1898*. New York, MacMillan, 1933.
- SCHORSKE, Carl. *Fin-de-siècle Vienna: Politics and Culture*. New York, Alfred Knopf, 1979.
- STAVE, Bruce, "Introduction", in *The Making of Urban History. Historiography Trought Oral History, Conversation with...* Bervelly Hills/London, Sage, 1977, pp. 13-32.
- TRILLO, Mauricio Tenório. "Profissão: Latin Americanist. Richard Morse e a Historiografia Norte-Americana da América Latina", in *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro, FGV, 1989, pp. 102-32.
- WIRTH, Louis. "Urbanism as Way of Life", in *The American Journal of Sociology*, v. 44, n. 1, jul. 1938, pp. 1-24.